



***HOMENS NEGROS EM REVISTA: CONTESTANDO ESTEREÓTIPOS,  
DENUNCIANDO MORTES E REEDUCANDO OLHARES NA RAÇA BRASIL***

***HOMBRES NEGROS EN REVISTA: CUESTIONANDO ESTEREOTIPOS,  
DENUNCIANDO MUERTES Y REEDUCANDO MIRADAS EN LA RAZA BRASIL***

***BLACK MEN IN THE SEARCH: CHALLENGING STEREOTYPES,  
DENOUNCING DEATHS, AND RE-EDUCATING PERSPECTIVES ON RACE IN  
BRAZIL***

*Dandara Oliveira<sup>1</sup>*

*Rodrigo Borba<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Em consonância com a perspectiva da mídia como dispositivo educacional, este artigo investiga de que maneira a Revista Raça Brasil - importante veículo da mídia negra contemporânea - contribui para a construção e circulação de sentidos sobre as masculinidades negras. Com base em uma abordagem quali-quantitativa, articulando pressuposto da Linguística de Corpus e da Antropologia Linguística, foram analisadas publicações disponíveis no site da revista entre os anos de 2016 e 2022 com vistas a investigar como o periódico contesta estereótipos coloniais e promove sentidos não estigmatizados sobre homens negros na sociedade brasileira. Os dados indicam que a Raça Brasil desempenha um papel relevante na ressignificação das masculinidades negras, tensionando discursos hegemônicos, rompendo o imaginário da branquitude e construindo um referencial outro para essa população historicamente marginalizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades negras. Raça. Mídia. Dispositivo educacional.

**RESUMEN**

En consonancia con la perspectiva de los medios de comunicación como dispositivo educativo, esta investigación analiza cómo la revista Raça Brasil - un importante medio de comunicación negro contemporáneo - contribuye a la construcción y difusión de significados sobre la masculinidad negra. Basándose en un enfoque cualitativo-quantitativo, que articula los supuestos de la lingüística de corpus y la antropología

<sup>1</sup> Mestra em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

lingüística, se analizaron las publicaciones disponibles en el sitio web de la revista entre los años 2016 y 2022, con el fin de investigar cómo la revista cuestiona los estereotipos coloniales y promueve significados no estigmatizados de los cuerpos de los hombres negros en la sociedad brasileña. Los datos evidencian que Raça Brasil desempeña un papel relevante en la resignificación de las masculinidades negras, tensionando los discursos hegemónicos, rompiendo el imaginario de la blancura y construyendo un referente diferente para esta población históricamente marginada.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidades negras. Raza. Medios de comunicación. Dispositivo educativo.

## ABSTRACT

Understanding the media as an educational apparatus, this paper investigates how Revista Raça Brasil - an important contemporary black media platform - contributes to the construction and circulation of meanings about black masculinities. Based on a qualitative-quantitative approach, articulating Corpus Linguistics and Linguistic Anthropology, news articles available on the magazine's website between 2016 and 2022 were analyzed to investigate how the magazine challenges colonial stereotypes and promotes non-stigmatized meanings of black men's bodies in Brazilian society. The data show that Raça Brasil plays a relevant role in reframing black masculinities, challenging hegemonic discourses, breaking the imaginary of whiteness, and constructing another frame of reference for this historically marginalized population.

**KEYWORDS:** Black masculinities. Race. Media. Educational apparatus.



## Introdução

Na madrugada de 29 de maio de 2025, o cantor Marlon Brendon Silva, conhecido como MC Poze, foi preso em sua residência, localizada em um condomínio de luxo na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Acusado por apologia ao crime e envolvimento com o tráfico<sup>3</sup>, o cantor foi algemado ainda dentro de sua casa e, impossibilitado de se trocar, chegou à Cidade da Polícia com a bermuda que dormia, sem chinelo e sem camisa. A cena, amplamente televisionada, mostra MC Poze sendo conduzido por vários agentes, um dos quais empurrava a cabeça do artista para baixo. Enquanto era conduzido pelos agentes, uma jornalista o perguntou se gostaria de dizer algo. Poze questionou, enquanto tentava virar a cabeça para responder, como poderia falar desse modo.

A prisão do funkeiro repercutiu intensamente na grande mídia e nas redes sociais. Diversos internautas criticaram a ação policial e fizeram comparações entre o

<sup>3</sup> Confira “Mc Poze do Rodo é preso por apologia ao crime e por envolvimento com tráfico”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/05/29/mc-poze-do-rodo.ghtml>. Acesso em: 18 de jun. 2025.

comportamento dos agentes com o cantor — um homem negro, favelado e que ascendeu socialmente por meio do funk — e com Rogério de Andrade, homem branco, contraventor e considerado o maior bicheiro carioca, que foi preso em sua residência, também de luxo e localizada na Zona Oeste do Rio, no dia 29 de outubro de 2024 por homicídio<sup>4</sup>. Em sua prisão, o contraventor foi conduzido completamente vestido, confortável, calçado, sem algemas e sem que nenhum policial o tocasse. A abordagem policial aos dois acusados e a forma como a grande mídia repercutiu os casos não poderiam ser mais contrastantes. Enquanto MC Poze, algemado perante sua mulher e filha, foi tratado como um homem violento e perigoso, Rogério de Andrade foi guiado de cabeça erguida, com calma e bem-vestido para a cadeia. Esse contraste é ilustrativo dos processos racistas de diferenciação que classificam, hierarquizam e ordenam corpos brancos e negros são em todas as instâncias da sociedade brasileira.

Frente a isso, como a historiadora Ynaê Lopes dos Santos (2022) ressalta, não há história do Brasil sem a violência contra o corpo negro. O país, após a invasão portuguesa, se estabeleceu calcado em estruturas escravistas e coloniais e, com o passar dos séculos, não houve uma desmatenlação da lógica racista, mas sim sua perpetuação. Durante esse duradouro processo, a subjugação física e simbólica do corpo negro foi normalizada através da reiteração do estereótipo do homem negro violento. As diferenças entre a abordagem policial nas prisões de Mc Poze e Rogério de Andrade ilustram que a construção da imagem do homem negro violento se deu, em grande medida, através de amplos trabalhos semióticos (Michael Silverstein; Gregg Urban, 1996) que, repetidamente, vinculam a figura do negro ao crime. Em termos semióticos que discutiremos adiante, “homem negro” passou a funcionar como um índice de “violência”, “crime” etc. Esses sentidos acabam normalizando o tratamento desigual (e frequentemente violento) que homens negros recebem em diversos âmbitos, como em abordagens policiais e nos meios judicial, midiático, escolar, estético e econômico.

Neste artigo, propomos uma discussão sobre o papel social e educacional da mídia na construção e legitimação de masculinidades negras no panorama racial em que estamos inseridos. Que a grande mídia corporativa tende a perpetuar, explícita ou implicitamente, estereótipos do homem negro violento não é novidade (bell hooks, 2022; Stuart Hall,

<sup>4</sup> Confira “Rogério de Andrade, maior bicheiro do Rio, é preso por mandar matar rival Fernando Iggnácio”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/10/29/rogerio-andrade-preso-por-morte-de-fernando-iggnacio.ghtml>. Acesso em: 18 de jun. 2025.

2016; Osmundo Pinho, 2018; Bernardo Ajzenberg, 2002) Contudo, sabe-se pouco sobre como (ou se) isso se dá em veículos da imprensa negra brasileira contemporânea, tal como a Revista Raça. Se, devido a sua incessante repetição durante séculos, a vinculação entre homem negro e violência é sólida no imaginário social, importa saber como a mídia produzida por e para pessoas negras consegue ou não se desvincilar desse estereótipo.

Já que, no mundo hiperconectado e semiotizado em que vivemos, grande parte dos discursos que circulam, de um modo ou de outro, repetem ou são discursos midiáticos (Luiz Paulo da Moita Lopes, 2009), a mídia atua como um dispositivo pedagógico, pois participa da constituição de performances identitárias e subjetividades ao criar e disseminar modos de ser e estar na cultura em que vivemos (Rosa Fisher, 2002). Por isso, a constante reiteração da branquitude cishétero masculina enquanto sinônimo de humanidade pelos instrumentos culturais hegemônicos e o atrelamento dos corpos de homens negros a sentidos negativos contribuem para a consolidação de um imaginário social racista que ataca a psique de todos (hooks, 2019) e que, simultaneamente, cria e legitima um padrão comportamental racista. No entanto, as mídias contra-hegemônicas, que serão priorizadas neste texto, se propõem a resistir a esse padrão, disseminando novas formas de ser e estar na sociedade. Seu funcionamento como dispositivo pedagógico está na possibilidade de (re)criar e (re)fazer circular novos repertórios socioculturais e discursivos para/sobre a população negra, combatendo sentidos estereotipantes e reducionistas.

É importante mencionar que um dos estereótipos mais difundidos nos dias de hoje é o que associa o homem negro à criminalidade, projetando-o como ladrão, perigoso e violento — e isso, claro, tem efeitos materiais nas vidas diárias de homens negros, como ilustra o caso do Mc Poze, na condição de suspeito, e Rogério de Andrade, conhecido contraventor. Em diálogo com essa realidade, Deivison Faustino (2014) assevera que, nas sociedades racistas, o homem negro sempre precisa lidar com a impressão da escravidão em seu corpo. O negro, mesmo que não saiba disso, mesmo que tente buscar outras significações e corporeidades, será visto e terá, de uma forma ou de outra, que dialogar com essas projeções oriundas da ficção racial (Frantz Fanon, 2008). Para além de suas performances de gênero e sexualidade, a vida desses homens também está em constante perigo por conta da colonialidade e do racismo, haja vista que “[...] jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra” (Cerqueira, 2017, p. 30 *apud* Paulo da Silva Júnior, 2022, p. 44). Consoante a mais recente edição do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025),

homens negros representam 79% das 44.127 vítimas de mortes violentas intencionais registradas no país entre 2023 e 2024 (ou seja, um total de 34.860).

No Brasil, a repetição constante de discursos estigmatizantes faz com que as masculinidades racializadas sejam continuamente mediadas pela alteridade e pela necessidade de afirmação por parte dos homens negros como sujeitos humanos. É dessa necessidade que emergem diversas práticas de resistência, que, de modo contracolonial (Antônio dos Santos, 2023), recusam os estereótipos. Um exemplo relevante são as instituições midiáticas contra-hegemônicas, que atuam, desde o surgimento da Imprensa Negra, no século XIX (Ana Flávia Pinto, 2006), na contestação e fissura dos discursos (re)produzidos pelas instituições hegemônicas. Essa tradição ainda se mantém e se atualiza por meio das mídias negras contemporâneas, que, tributárias da atuação da Imprensa Negra, se consolidam no ambiente digital. A revista Raça Brasil — presente tanto em formato impresso, com edições mensais, quanto em plataformas digitais, com site e perfil no Instagram atualizados diariamente — constitui um importante expoente dessa produção midiática. Além de disseminar novos regimes representacionais dos corpos negros, o periódico promove uma significativa dimensão de autorrepresentação da população afro-brasileira ao adotar uma política editorial que centraliza pessoas negras falando por si e sobre si, figurando como sujeitos e não como objetos.

Dada a retroalimentação entre a mídia e a sociedade, a pesquisa mais ampla da qual este artigo é um recorte (Dandara Oliveira, 2025) visa entender como corpos brancos e negros são discursivamente criados e retomados nas mídias hegemônicas e contra-hegemônicas. Para tanto, foi gerado o corpus *Revistas Brasileiras*, formado, atualmente, por 8.815 publicações feitas entre 2016 e 2022 nos portais online das revistas de grande circulação Marie Claire, GQ e Raça. Esses periódicos foram selecionados pois, além de famosos e tradicionais no cenário brasileiro, são voltados para diferentes grupos — respectivamente, mulheres, homens e população afro-brasileira —, o que permite uma análise comparativa entre os discursos empreendidos.

Para os propósitos deste artigo, que se debruça sobre discursos educativos acerca de masculinidades negras, foi selecionado o subcorpus Revista Raça Brasil, composto por 1.208 textos. Isso porque a revista, que se desloca do cenário normativo ao possibilitar que o corpo negro seja discursivamente construído por pessoas negras, é compreendida como um dispositivo educacional que, fora dos espaços formais de ensino, contribui para a produção e disseminação de sentidos não-estigmatizados sobre corpos negros na

sociedade brasileira. Ao se contrapor ao silenciamento imposto pela branquitude, ela rompe com o imaginário racial dominante na Modernidade (Cida Bento, 2022) e possibilita a construção de um referencial outro para essa população historicamente marginalizada.

Objetivamos analisar especificamente como diferentes sentidos de masculinidades negras são elaborados e postos em circulação nas publicações feitas no site da revista. Para isso, na próxima seção discutiremos a noção de mídia como dispositivo educacional, bem como a relevância histórica da Imprensa Negra e das mídias negras contemporâneas. Em seguida, apresentamos a metodologia adotada na pesquisa e o percurso analítico empreendido. Na quinta seção, realizamos a análise do corpus que embasa os apontamentos apresentados na última seção

### **Mídia como dispositivo educacional: dinâmicas de (des)aprendizagem**

A pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer (2002) defende que a mídia deve ser concebida como um dispositivo educacional, pois se configura como um espaço privilegiado de produção e circulação de sentidos na sociedade. Ao, concomitantemente, construir e veicular formas de ser, agir e compreender a si mesmo, as estruturas midiáticas participam ativamente dos processos de subjetivação e socialização. Nesse sentido, é proveitoso discutir sua função educativa, que, segundo a autora (Fischer, 2002), se equipara, em termos de impacto e abrangência, às instituições tradicionalmente reconhecidas como pedagógicas e construtivas, tais como a escola, a família e as organizações religiosas.

Dessa feita, a mídia hegemônica tem contribuído historicamente para a (re)produção de discursos racistas e colonialistas, cristalizando estereótipos e reforçando a lógica da alteridade (Hall, 2016), haja vista que os recorrentes discursos multisemióticos que inferiorizam os corpos negros são violências naturalizadas no imaginário social graças a sua constante disseminação. Assim sendo, a imprensa atuaativamente na inserção do sujeito negro naquilo que Sueli Carneiro (2005) chama de “dimensão do não-ser”, pois ela, juntamente a outras instituições, coloca em circulação práticas educativas que ratificam a violência racial, negando a humanidade e deslegitimando a cultura desse grupo social. Isso porque

o Não-ser assim construído afirma o Ser. Ou seja, o Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser

pleno: autocontrole, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização. No contexto da relação de dominação e reificação do outro, instalada pelo processo colonial, o estatuto do Outro é o de “coisa que fala” (Carneiro, 2005, p. 99).

Estruturado pela negação, esse estatuto opera a partir dos interesses da branquitude — assim como a imprensa hegemônica, dado que, como salienta Hall (2016), o projeto colonial sempre dependeu das propagandas comerciais e da mídia para circular nos meios populares e, assim, produzir e reforçar discursos que reduziam o corpo negro à preguiça, malandragem e infantilidade. Após a Abolição da Escravatura no Brasil, a branquitude, então, precisou intensificar o trabalho semiótico com vias a manter a diferenciação social, dado que agora todos eram livres perante a lei. As elites econômicas e políticas, que são donas dos grandes meios de comunicação, encontraram nas mídias uma forma de garantir a manutenção do sistema que privilegia corpos e valores brancos, cisheterossexuais, masculinos e cristãos. Assim, é notável que corpos negros se tornaram visíveis, ao longo dos séculos, majoritariamente através da percepção do branco, que reproduz suas próprias projeções, orientações e sistemas de valores (Grada Kilomba, 2019). Sendo esse o olhar privilegiado nos instrumentos culturais, os corpos negros vêm sendo educados pela mídia a partir de concepções racializadas e degradantes, o que afeta sua saúde mental (hooks, 2019) em dimensões ônticas e ontológicas.

Em contraponto a essa lógica, no entanto, emergiram projetos de comunicação contra-hegemônicos, como a já mencionada Imprensa Negra, que, desde o século XIX, atuou como espaço de disputa narrativa e resistência política. Segundo Jonas Pinheiro (2019), em diálogo com Ana Flávia Magalhães Pinto (2006), essa imprensa pode ser definida como um conjunto de práticas jornalísticas feitas por e para pessoas negras, voltadas à contestação da violência racial. Em sua diversidade, ela desmantelou regimes representacionais estereotipados da negritude ao refutar o discurso hegemônico. Na contemporaneidade, vivemos cada vez mais a transição dessas práticas para o ambiente digital. Temos, por exemplo, o surgimento de mídias negras, que são tributárias da tradição da Imprensa Negra (Pinheiro, 2019). A Revista Raça Brasil, criada em 1996, marca uma coexistência online-offline, podendo ser pensada como um exemplo dessa transição. Criada com intuito de dialogar com uma nova classe média negra, a revista representa uma conquista simbólica e mercadológica, ao disputar e se instituir em espaços historicamente negados à população negra.

No entanto, como mostram Kilomba (2019), Sayidia Hartman (2022), entre outros, o sistema capitalista neoliberal se sustenta sobre reiterações de ideais coloniais de gêneros, raça e classe. Sendo engrenagens desse sistema, a grande mídia tem papel central na repetição e legitimação desses ideais. Já que estamos todos inseridos em uma sociedade que está engajada e consente tais discursos, algumas dessas repetições discursivas ocorrerão também em mídias contra-hegemônicas. Como sublinhou a antropóloga Mariza Corrêa ao citar Sartre durante um debate realizado em 1996 com os editores da Revista Raça à época, esses periódicos, as pessoas que os produzem e que são neles representadas são “metade vítimas, metade cúmplices, como todo mundo” (Sueli Kofes, 2010, p. 295). Apesar disso, é preciso salientar que as mídias de, sobre e por pessoas negras, tanto impressas quanto digitais, também estão relacionadas a uma ética de cuidado e reparação, pois buscam criar alternativas ao olhar colonizador e produzir novas formas de existir. Christina Sharpe (2023) chama isso de “aspiração”: um esforço contínuo de sustentar o fôlego do corpo negro em contextos que não preveem sua sobrevivência.

Portanto, sendo a mídia um dispositivo educacional, é necessário que compreendamos seus diferentes usos, pois ela figura tanto como ferramenta de manutenção da ordem racial e colonial, quanto mídia hegemônica, quanto como espaço de insurgência e reexistência, quanto mídia contra-hegemônica. Inseridas no que entendemos como mídias contra-hegemônicas, as mídias negras contemporâneas, que estão sendo privilegiadas aqui por meio da análise de publicações da Revista Raça Brasil, reafirmam a dignidade dos corpos negros e expandem as possibilidades de imaginar futuros emancipatórios, ensinando e criando novos referenciais, contestando estereótipos consolidados e se contrapondo ao que Carneiro (2005) nomeou como zona do Não-Ser.

### **Mapeando resíduos discursivos em larga escala: uma perspectiva qual-quantitativa**

De cunho quali-quantitativo, o artigo examina o subcorpus Revista Raça Brasil, composto por 1.208 textos de diferentes gêneros publicados entre 2016 e 2022 no site do periódico através da busca das palavras-chave *mulher; mulher branca; homem; homem branco*<sup>5</sup>. Seguindo os preceitos da Linguística de Corpus (LC, doravante), foi utilizado o

<sup>5</sup> A escolha das palavras-chave está relacionada ao escopo mais amplo da pesquisa, que visa investigar regimes representacionais associados a mulheres e homens, brancas/os e negras/os em mídias hegemônicas e contra-hegemônicas. Dessa forma, a primeira autora utilizou “mulher” e “homem” como termos iniciais

software gratuito AntConc devido às ferramentas que dispõe para a análise de grandes quantidades de dados escritos. Contudo, uma análise exclusivamente quantitativa não dá conta da complexidade dos fenômenos discursivos, principalmente daqueles que estão em circulação na internet, local povoado por espaços fragmentados e intemporais, nos quais já não é possível estabelecer fronteiras bem delimitadas entre o físico e o digital e nem entre passado, presente e futuro (Branca Fabrício; Rodrigo Borba, 2023). Sendo assim, esse emaranhado online–offline, que pode ser visto no site cotidianamente atualizado da Raça Brasil, se mostra propício para investigações que partam da linguagem para entender fenômenos sociais, dado que textos são compartilhados, reiterados e contestados em uma velocidade inimaginável. Assim sendo, propomos um diálogo teórico-metodológico entre a sistematização quantitativa da LC e o aprofundamento qualitativo da Antropologia Linguística (AL, doravante).

Estamos em acordo com o entendimento de que todos os textos viajam, i.e., se deslocam entre espaços-tempo e, por isso, é necessário analisá-los levando em consideração os contextos criados, as histórias de sua produção, recepção e circulação, assim como as conexões que estabelecem com outros textos. Sob essa perspectiva, a análise qualitativa do corpus nos permite mapear “[...] conexões indexicais construídas interativamente entre recursos discursivos reais e partes relevantes do conhecimento sociocultural” (Jan Blommaert; Laura Smits; Noura Yacoubi, 2018, p. 2). Tais conexões são sempre parciais e motivadas, não havendo uma postura neutra na análise dos dados pois é necessário contextualizá-los, estabelecer links que retomam discursos consolidados e, simultaneamente, promovem repetições e fissuras.

Para recuperar os processos semióticos contextualmente contingentes que estão envolvidos na realização do texto e da cultura, é necessário analisar as sedimentações textuais. No entanto, o que se procura não é o texto denotacional, mas sim resíduos de interações e contextos passados que, atrelados ao texto, são transportados para outros espaços e tempos (Silverstein; Urban, 1996). A partir dessa ideia de resíduos, é útil que atentemos também para as entextualizações (Richard Bauman; Charles Briggs, 2006) —

---

de busca. A geração de dados nos sites das revistas *Marie Claire* e *GQ* foi realizada através de buscas pelos termos “mulher”, “mulher negra”, “homem” e “homem negro”. Isso porque, após testes manuais e análises visuais dos resultados apresentados nas páginas de busca, percebeu-se que, sem a adjetivação “negra” ou “negro”, dificilmente apareciam matérias voltadas a essa parcela da população. No caso da revista *Raça*, por se tratar de uma publicação direcionada ao público negro, a adjetivação “branca” ou “branco” foi utilizada com intuito de identificar conteúdos específicos sobre pessoas brancas.

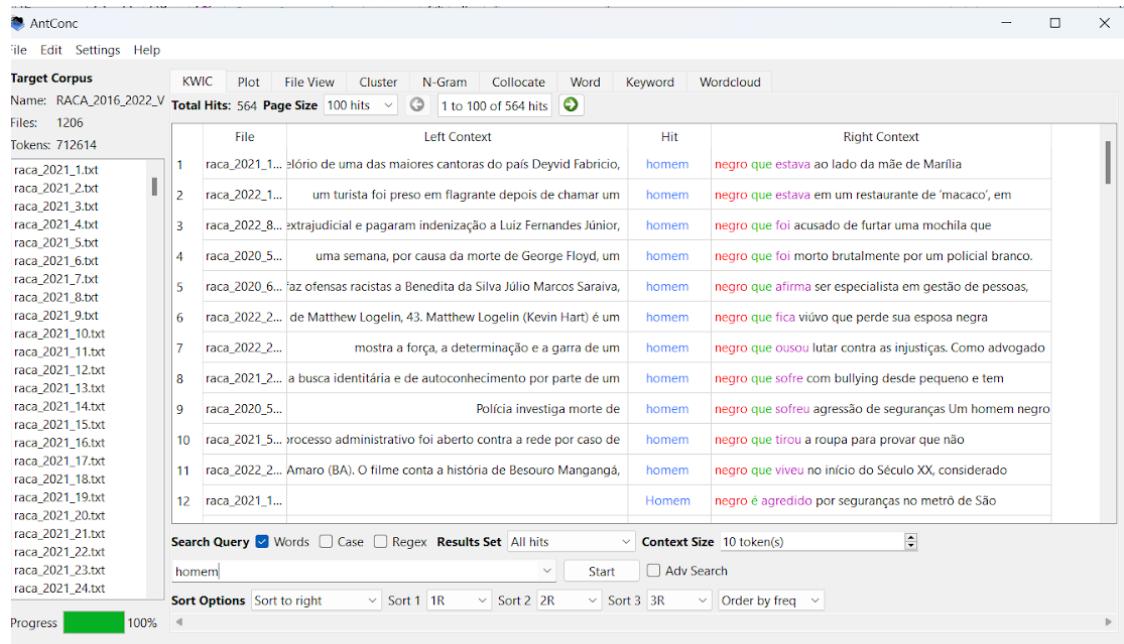
isto é, a descontextualização e recontextualização de discursos — nos textos midiáticos, tendo em vista que os jornalistas e colunistas da Raça Brasil, ao questionarem o imaginário racial dominante, recontextualizam discursos que carregam consigo elementos da história de seu uso. Para tanto, mobilizaremos o conceito de indexicalidade, em comunhão ao entendimento de Silverstein (1993, p. 36) de que o signo “pressupõe (portanto, indexa) algo do seu contexto-de-ocorrência, ou acarreta (e portanto indexa) algo sobre seu contexto-de-ocorrência”.

Assim, a metodologia aqui proposta articula conhecimentos empíricos e interpretativistas, unindo LC e AL de modo inovador. Essa abordagem visa uma investigação que, baseada na sistematização de um grande volume de dados, explora o discurso enquanto uma prática que sistematicamente forma os objetos dos quais fala (Michel Foucault, 1972), entrelaçando contextos macro e microssociais. Na sequência, apresentaremos mais detalhes acerca das teorias que fundamentam as análises propostas.

### **Homens negros em revista: ocorrências e contextos**

Para uma análise do corpus e dos contextos em que “homem negro” aparece na Revista Raça, é útil investigar em detalhes os modos e momentos em que as palavras são utilizadas. Para isso servem as linhas de concordância, que, assim como utilizadas na LC, incluem todas as ocorrências de palavras de busca relevantes para a pesquisa ordenadas em uma lista em que se pode averiguar o contexto de uso nos diferentes textos que compõem o corpus (Paul Baker, 2006). A Figura 1 abaixo ilustra as linhas de concordância geradas pelo AntConc para o termo de busca “homem” no subcorpus Revista Raça (2016-2022).

**FIGURA 1:** Exemplo de Linhas de Concordância – subcorpus Revista Raça (2016-2022)



Fonte: elaboração própria a partir de dados do subcorpus, os quais foram sistematizados pelo AntConc

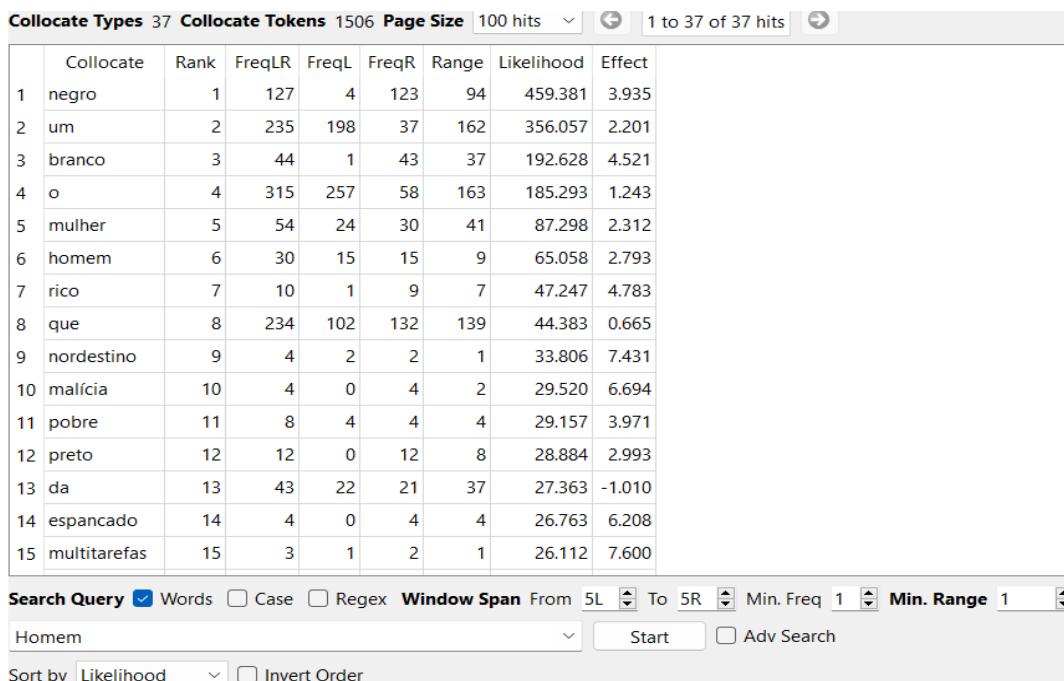
Essas linhas permitem analisar as palavras em um contexto mais amplo, vendo seus usos e identificando padrões. Como ilustra a Figura 1, a partir da busca do substantivo “homem”, o software encontrou 564 resultados, os quais estão organizados pela frequência em que aparecem no corpus. Desse modo, “homem negro que” foi a construção que ocorreu com maior regularidade e, por isso, ocupa as 11 primeiras linhas. É possível notar, no breve contexto oferecido<sup>6</sup>, que violências raciais incidiram sobre a vida dos homens negros retratados pela Revista Raça entre 2016 e 2022. Assim sendo, uma leitura qualitativa guiada por alguns conceitos da Antropologia Linguística se voltará para como tais padrões (in)formam, a partir da indexicalidade e da entextualização, um cenário cultural mais amplo e como recontextualizam textos e discursos das vivências cotidianas.

Como o subcorpus conta com um volume considerável de dados, foram geradas muitas linhas de concordância, o que dificulta uma boa análise das construções usuais encontradas. Assim, mais uma ferramenta será utilizada para possibilitar uma análise contextual mais aprofundada: os colocados, que são disponibilizados a partir da identificação de quais palavras coocorrem com o termo pesquisado de forma

<sup>6</sup> Caso o analista queira mais detalhes de um dos resultados das linhas de concordância, é possível acessar o texto completo ao expandir a linha selecionada.

estatisticamente relevante, tornando possível visualizar significados e associações entre palavras que, de outra forma, poderiam passar despercebidas (Baker, 2006). A colocação não mostra só as palavras contíguas ao termo pesquisado, mas sim as que ocorrem em um intervalo, pois é feito um cálculo que leva em consideração padrões frequentes em um espaço selecionado<sup>7</sup>.

**FIGURA 2:** Exemplo de Colocados – subcorpus Revista Raça (2016-2022)



Fonte: elaboração própria a partir de dados do subcorpus, os quais foram sistematizados pelo AntConc

A figura acima apresenta 15 colocados do termo “homem”. A partir deles, identificamos alguns padrões de uso que compõem as discussões sobre homens e suas masculinidades. Ao clicar em algum colocado em busca de mais informações, somos levados para as linhas de concordância em que vemos como a coocorrência dos termos se dá no contexto de uso. Logo, os colocados oferecem informações específicas, pois apresentam regularidades estatisticamente relevantes de palavras consideradas chave para quem está analisando o corpus e reduzem em uma lista as utilizações correntes que, muitas vezes, não seriam identificadas pelo linguista durante o exame de mais de muitas linhas de concordância.

<sup>7</sup> No AntConc, a configuração padrão do cálculo é feita a partir das 5 palavras para esquerda e 5 palavras para direita, o que pode ser alterado para mais ou para menos de acordo com os interesses de quem está pesquisando. Optamos por utilizar a configuração padrão likelihood, a qual ordena os colocados a partir de estatísticas que indicam que essas palavras aparecem juntas de forma significativa em comparação com o acaso.

As duas ferramentas teórico-metodológicas da Linguística de Corpus que foram selecionadas para auxiliar nossa investigação proporcionam uma aproximação entre os pesquisadores e o contexto de ocorrência dos termos dentro do corpus. Todavia, para entender o papel da Revista Raça como dispositivo pedagógico através do qual modos outros de ser homem e negro circulam, é preciso ampliar o olhar analítico para além do micro-contexto de ocorrência de “homem negro” no corpus, mobilizando conceitos que possam dar conta das camadas históricas, discursivas e ideológicas que contribuem para legitimação e naturalização de estereótipos ligados à violência e o crime. Essas camadas históricas, discursivas e ideológicas (in)formam os processos de construção de sentido que, ao invés de resultar da associação direta e denotativa entre um signo e um sentido, se apresenta de forma indireta (e.g., via inferências, suposições, conhecimento de mundo etc.), multifatorial (i.e., relativo a vários elementos que comparecem em sua interpretação) e negociada localmente (i.e., se dá no momento de uso ao invés de precedê-lo). Ou seja, o sentido se dá no interstício entre signo e sentido: o uso de determinado signo (e.g., “criminoso”) posiciona falantes/escreventes em relação às ações que desenvolvem (e.g., reclamar, denunciar, descrever etc.) com outros durante a execução de determinada atividade (e.g., conversa no bar, reunião de trabalho etc. que se inserem em um contexto cultural específico. Como aponta Borba (2020, p. 30), “ao serem usados em uma prática discursiva específica, esses signos retomam uma história que movimenta certos arcabouços interpretativos disponíveis socioculturalmente e lhes confere sentido no aqui e agora da enunciação”.

Sendo assim, consideramos que as dimensões culturais das diversas categorias, textos, imagens, sons etc. utilizadas para a construção das matérias publicadas na mídia também precisam ser exploradas, já que funcionam como um dos mecanismos através dos quais a mídia veicula, legitima e normaliza certos sentidos e, com isso, assume um papel pedagógico, i.e., implícita ou explicitamente, ensina a população que sentidos são válidos e como certos grupos devem ser entendidos. Entretanto, como pontua Baker (2006, p. 17), “os dados do corpus geralmente são apenas dados linguísticos (escritos ou transcritos), e os discursos não se limitam à comunicação verbal”. Nesse sentido, a análise de corpos e imagens em circulação não é contemplada apenas pela investigação de dados escritos desvinculados de suas dimensões corpóreas. Por isso, é necessário estabelecer uma aproximação com a análise semiótica. Para tanto, selecionamos, através da prática de redução de amostragem, um texto considerado representativo das investigações acerca

dos regimes representacionais das masculinidades negras em circulação na Revista Raça. Ele será investigado a partir do que Joana Plaza Pinto e Daniella do Amaral (2016) consideram ancoragens interseccionadas entre corpos e textos, as quais analisam categorias articuladas e a produção de diferença semiótica e corporal. A discussão de dados será apresentada na próxima seção.

### **Masculinidades negras fraturadas: entre o estereótipo e a denúncia**

O debate sobre as masculinidades é atravessado por múltiplas camadas que complexificam a questão. No Brasil, é indubitável que os homens negros são afetados psíquica e culturalmente pelo imaginário colonial que os reduz a estereótipos associados à violência, pobreza, vagabundagem entre outros. Segundo Alberto Guerreiro Ramos, em sua crítica à proximidade entre a sociologia brasileira e os estudos eugenistas na década de 1950, “a cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência” (Ramos, 1954, p. 22). Publicada há sete décadas, a análise de Ramos, em muitos sentidos, se presta para entendermos as relações raciais no Brasil atual, já que a branquitude se mantém como norma, cotidianamente ensinada e reforçada de modos mais ou menos explícitos. Contudo, mídias negras vêm fazendo um importante trabalho em prol da desmantelação deste panorama através de denúncias da realidade de racismo e subjugação a que são submetidos os homens negros brasileiros, atuando, de modo educativo, na disseminação de novas perspectivas de masculinidades negras.

Na revista Raça Brasil, agressões (muitas letais) desferidas contra homens negros são constantemente abordadas. Isso ficou evidente pois, ao pesquisarmos a expressão **homem negro** no corpus, os colocados mais estatisticamente relevantes foram **morte, morto, seguranças, desarmado, afeminado, Floyd, flagrante, associar, algemado, viúvo, espancado, retinto**. Ou seja, a maioria dessas palavras indexicaliza a violência racial sistemática<sup>8</sup> — como pode ser visto na imagem abaixo, que apresenta as linhas de concordância do colocado “morte”, evidenciando como essa parcela populacional vêm sendo sistematicamente assassinada em diversas partes do mundo a partir da citação de casos individuais:

---

<sup>8</sup> Apenas os vocábulos **afeminado** e **viúvo** deslocam-se desse eixo temático: ao investigarmos essas palavras nos dados, vimos que o primeiro se refere à vida do ator e dançarino Jorge Laffond, conhecido por sua personagem Vera Verão; já o segundo menciona histórias de homens negros que ficaram viúvos.

**FIGURA 3:** Linhas de concordância de homem negro e seu colocado morte

File	Left Context	Hit	Right Context
1 raca_2021_5...	A onda de protestos iniciada nos Estados Unidos após a	morte	de <b>George Floyd</b> , um homem negro desarmado, por um
2 raca_2020_4...	tribunal superior se deu em meio à comoção popular pela	morte	de <b>George Floyd</b> , um homem negro desarmado, morto por
3 raca_2020_5...	eclodiram nos Estados Unidos há uma semana, por causa da	morte	de <b>George Floyd</b> , um homem negro que foi morto
4 raca_2021_6...	Manifestantes e policiais entram em confronto nos EUA após	morte	de <b>homem negro</b> Manifestantes entraram em confronto com a
5 raca_2020_5...	Polícia investiga	morte	de <b>homem negro</b> que sofreu agressão de seguranças Um
6 raca_2021_7...	faz parte dos compromissos firmados com a sociedade desde a	morte	de <b>João Alberto</b> , um homem negro, em uma unidade
7 raca_2020_5...	Americanos exigem justiça por	morte	arbitraria de <b>homem negro</b> Violentos protestos têm dominado a
8 raca_2020_5...	agressão de seguranças Um homem negro foi espancado até a	morte	por <b>dois homens</b> brancos em Porto Alegre, no Rio

Fonte: elaboração própria a partir de dados do corpus, os quais foram sistematizados pelo AntConc

Os dados ilustram um padrão, pois as linhas analisadas entextualizam discursos que denunciam, majoritariamente, homicídios violentos contra homens negros em contextos diaspóricos. Essa infeliz recorrência é fruto de uma dicotomia que emerge dos dados. Por um lado, persiste na sociedade o estereótipo do homem negro violento, selvagem e incivilizado — estereótipo historicamente forjado no Brasil e em outras ex-colônias, como os Estados Unidos, e ainda subjacente ao imaginário nacional. Por outro, emerge aqui, a partir de um deslocamento discursivo, a figura do homem negro que sofre, de modo sistemático, com a violência racista, sendo diariamente vitimado por ela.

É fato que a brutalidade desmedida contra pessoas negras foi uma prática constante em todas as sociedades coloniais, e o estereótipo de agressividade projetado sobre homens negros serviu, historicamente, como justificativa para violência exercida contra eles. Esse processo de desumanização continua a se atualizar, pois a branquitude passou a articular novas formas de agressão a partir de reencenações contemporâneas da brutalidade escravocrata. Hoje, a polícia segue atuando de forma discriminatória, tendo as pessoas negras como seus principais alvos de repressão, perseguição e morte (Jeferson Tenório, 2020). No entanto, a violência não se restringe à esfera estatal: seguranças de supermercados e lojas, como indica o colocado **seguranças**, também protagonizam episódios de opressão racial, coerção, agressão física e assassinato no cotidiano.

A Revista Raça Brasil, ao reiterar a denúncia dessas mortes, desempenha um papel crucial de contestação simbólica desse estereótipo. Ao fazer circular, na mídia e na sociedade, o homem negro como vítima de violência, e não como perpetrador, a revista contribui para visibilizar o processo contínuo de desumanização e extermínio que marca a existência e subjetividade de homens negros no Brasil. Esses sujeitos, portanto, não são apresentados como ameaça, mas como aqueles que sofrem os efeitos devastadores da

ordem colonial — efeitos que, como afirma Mbembe (2022), resultam em traumas psíquicos inestimáveis, massacres sistemáticos e violações extremas.

O cenário apresentado e, simultaneamente, construído pela revista ilustra uma conflagração de espaço-tempos que atravessam a experiência negra. Se, nos porões dos navios tumbeiros, “a primeira linguagem que os guardas do porão usam com as pessoas cativas é a linguagem da violência: a língua da sede e da fome e da dor e do calor, a língua da arma e da coronhada, o pé e o punho, a faca e o arremesso ao mar” (Sharpe, 2023, p. 128), hoje, o passado continua a se manifestar como presente e futuro. A violência permanece como uma das linguagens centrais nas interações entre o Estado e os corpos negros, entre a branquitude e os corpos negros.

Conforme aparece nas linhas de concordância analisadas (Figura 3), o assassinato de George Floyd por policiais estadunidenses foi tema recorrente na Revista Raça. Essa frequência é produto dos efeitos discursivos e materiais desse caso, cuja repercussão internacional gerou protestos massivos e debates globais sobre violência racial. O registro audiovisual da brutalidade cometida contra Floyd tornou-se símbolo da desumanização cotidiana enfrentada por pessoas negras, que têm negado até mesmo o direito de respirar. Tal como outros casos abordados pela revista, esse episódio reforça que o homem negro figura, reiteradamente, como a vítima da brutalidade racial.

Esse debate reverberou profundamente também no Brasil, impulsionando buscas por informação nas mídias e redes sociais. A revista Raça, que estava com sua periodicidade afetada há anos, retomou o padrão mensal no ano de 2020, o que identificamos como atrelado às discussões suscitadas pela morte de Floyd e pelo interesse da população em falar sobre como o racismo afeta a vida das pessoas negras no Brasil. Esse exemplo de linhas de concordância é representativo do que ocorre nos outros colocados que recorrentemente acompanham o sintagma “homem negro”. Portanto, as discussões acerca desse grupo social na Raça são permeadas por denúncias de ações hediondas, racistas e mortais. Assim como ocorreu com Floyd, a vida dos jovens negros não está apartada da violência do Estado no Brasil, como é possível ver nos excertos da notícia “Homem negro é baleado pela PM enquanto bebia com os amigos” (Redação, 2022):

#### Excerto 1

- 1 Mais um jovem negro que é filmado tombando pelas mãos e armas da polícia.
- 2 A Revista RAÇA sempre notícia aqui e é incansável as vezes que contamos o número
- 3 de jovens negros que estão morrendo nesse país. Parece uma guerra civil.
- 4 No vídeo, é possível ouvir os gritos dos moradores após os disparos. “Ele não fez nada,

5 ele não fez nada”, grita uma mulher. “Sai daí, mãe, sai daí, mãe”, afirma ela, entre gritos  
6 de desespero e xingamentos contra o agente que atirou. “Mais uma vez. Mais uma vez.  
7 Eu vou denunciar, foi esse aqui. Foi ele.”  
8 Um homem negro foi morto a tiros pela Polícia Militar durante abordagem realizada em  
9 Vila Barraginha, na cidade de Contagem, em Minas Gerais. Ele estava bebendo em um  
10 bar com amigos quando foi interpelado pelos agentes, que teriam recebido uma  
11 denúncia de que ele estava alcoolizado e armado. Marcos Vinícius Vieira Couto, 29, foi  
12 morto com três tiros, disparados por um policial militar durante a abordagem. Segundo  
13 a PM, ele tentou reagir, o que é negado por testemunhas. As imagens da abordagem e  
14 do momento dos disparos foram registradas com celulares de parentes e vizinhos e  
15 repercutiram nas redes sociais. A polícia afirma que ele era chefe de tráfico na região.  
16 (Redação, 2022).

O texto se inicia com a afirmação: “Mais um jovem negro que é filmado tombando pelas mãos e armas da polícia. A Revista RAÇA sempre notícia aqui e é incansável as vezes que contamos o número de jovens negros que estão morrendo nesse país. Parece uma guerra civil”. Há o que entendemos como um tom de lamento, cansaço e indignação que narra, mais uma vez, a morte de um homem negro pelas mãos da polícia brasileira. Esse movimento recontextualiza, neste cenário, discursos anteriores que também denunciavam o assassinato de jovens negros, conflagrando contextos previamente trabalhados. Através do sintagma “A Revista RAÇA”, todas as pessoas que a produzem (e.g., editores, jornalistas etc.) são evocadas como forma de salientar que o tom de indignação e a função de denúncia realizada pela notícia não são do nível individual do redator, mas coletivamente compartilhados pela “Redação” (linha 16) que assume a autoria do texto.

Ao retratar homens negros como vítimas da violência e calibrar o tom dessas notícias como uma denúncia corroborada por todo time da revista, a Raça assume um relevante papel pedagógico ao veicular imagens, discursos e afetos que excedem os estereótipos. Isso se vê no decorrer da notícia acima. O jovem de 29 anos estava entre seus amigos, bebendo em um bar, ou seja, em um momento de descontração e descanso. Estar em um bar, inclusive, é algo que foi considerado por Paulo Melgaço da Silva Junior e Marcio Caetano (2022), durante trabalho etnográfico na Baixada Fluminense, como uma prática fundamental de socialização em rodas de homens, pois, como narrado pelos homens negros que participaram da etnografia, a ação de beber com os amigos tem um duplo poder: “ela permite relaxar, e o cara entrar no clima”. Já no segundo momento, por meio dela, o homem mostra sua força e seu controle. Em outras palavras, se o sujeito é capaz de beber e não ficar bêbado, isso é uma prova de masculinidade adulta, controle e

maturidade” (Silva Junior; Caetano, 2022, p. 196). Desse modo, enquanto se divertia junto aos amigos em uma prática que (in)forma a existência corporificada de jovens homens negros brasileiros, Marcos Vinícius foi morto.

A notícia salienta que o caráter estarrecedor de um assassinato sancionado pelo Estado de mais um homem negro, em sua repetição, se institui enquanto norma (Sharpe, 2023). Nas linhas 2 e 3 do Excerto 1 (“é incansável as vezes que contamos o número de jovens negros que estão morrendo nesse país. Parece uma guerra civil”), a Redação da Raça destaca a repetição de assassinatos semelhantes. O adjetivo “incansável”, que geralmente tem valoração positiva, aqui, adquire outra camada de sentido que serve para denunciar a persistência desses assassinatos e a necessidade constante de se contabilizar mortes. Dessa forma, “incansável” qualifica tanto esforço do periódico para manter seu compromisso de denunciar a violência quanto a repetida ocorrência dessas mortes. São tantos homens negros sucessivamente assassinados e frequentemente ignorados pela grande mídia que a analogia com uma guerra civil salienta a proporção do extermínio de homens negros no Brasil, dado que essa parcela da população vem sendo morta em números alarmantes, incompatíveis com a realidade de um país que não está oficialmente em guerra. Entre 2023 e 2024, 34.860 homens negros foram intencionalmente mortos, como mostra a mais recente edição do Anuário da Segurança Pública. Assim sendo, uma dimensão central do arquivo colonial, marcado pelas mortes cumulativas de pessoas negras e seus efeitos contínuos, é indexicalizada tanto no excerto acima quanto no dia a dia da população negra — especialmente dos homens negros, maiores vítimas da brutalidade policial — e reavivada de forma a perpassar o ontem, o hoje e o amanhã. Aqueles que experienciam a realidade das vidas racializadas são constantemente desestabilizados no espaço-tempo e vivem reencenações coloniais.

Logo, não é exagero afirmar que o cotidiano da população negra é dominado pelo terror, haja vista a condição permanente de vida na dor (Mbembe, 2018). Isso se deve ao medo, ao cerceamento, ao impedimento de ir e vir com tranquilidade e à morte de pessoas próximas, que torna impossível viver de uma forma diferente da morte-em-vida, que era também a realidade imposta aos ancestrais escravizados. Dessa maneira, todos aqueles ao redor de quem foi morto também experienciam a morte, sendo atravessados pela morte-em-vida, como fica claro no excerto acima e na imagem publicada na matéria:

**FIGURA 6:** Foto veiculada na matéria "Homem negro é baleado pela PM enquanto bebia com os amigos"



Fonte: Revista Raça, 2022.

A foto, tirada de cima, apresenta informações sobre o desenrolar da cena: Marcos foi apartado do restante e levado para o canto, atrás de uma van e de costas para a parede, com apenas um policial. Já os outros dois agentes do Estado, que estavam acompanhando a situação, ficaram ao lado do carro da polícia e parados frente a alguns homens, impedindo que essas pessoas, possivelmente seus amigos, chegassem até onde Marcos estava ou vissem o que estava ocorrendo. Foi, então, montado um cerco que impossibilitou que houvesse ajuda ou que a situação fosse apartada. Na diagonal do carro da polícia, há também outras pessoas que observam a cena, tendo acesso parcial ao que acontecia atrás da van. Apesar da quantidade de testemunhas, nada intimidou o policial, que assassinou Marcos no meio da rua. Essa imagem ilustra como a violência policial

imobiliza, traumatiza e brutaliza aqueles que estão ao redor das situações de truculência e crimes hediondos.

Simultaneamente, ocorre um movimento de resistência visceral (Mbembe, 2019) frente a essa brutalidade, pois aqueles ao redor de Marcos se mobilizaram em defesa. “Ele não fez nada”, gritou, desesperadamente, uma mulher que buscou impedir essa morte (Redação, 2022). A foto também retrata a permanência de pessoas próximas à ocorrência, olhando, falando, se mantendo presentes. No texto, é informado que essas pessoas gritaram, filmaram, divulgaram o que de fato aconteceu, defenderam o Marcos. De acordo com Sharpe (2023), o que essas pessoas fizeram ao lutarem pela vida de Marcos e pela sua honra pós-morte se chama de trabalho de vigília, isto é, “[...] vigílias [wakes] são processos; por meio deles pensamos em quem morreu e em nossas relações com essas pessoas; são rituais por meio dos quais encenamos luto e memória [...]”; por fim, vigília significa estar alerta e, também, consciência” (Sharpe, 2023, p. 48). Aqueles que estavam fisicamente próximos gritaram e apontaram que mais uma vez isso acontecia, denunciaram para quem matou, afirmaram que mais uma vez um homem negro era assassinado pela polícia. “Mais uma vez. Mais uma vez. Eu vou denunciar, foi esse aqui. Foi ele” (Redação, 2022).

Essa situação evidencia e ensina como é preciso defender quem está sofrendo com os efeitos mortais do racismo e quem morreu (Sharpe, 2023), defender a honra, dado que é comum que a polícia, através dos pactos da branquitude (Bento, 2022), garanta que suas versões possuam credibilidade e busque justificar os assassinatos extralegais a partir da imputação de crime. Segundo Bento (2022), o conceito “pacto da branquitude” é uma forma de entender como alianças e acordos não verbalizados garantem a manutenção dos privilégios deste grupo racial nas mais diferentes instituições e manejam as exclusões daqueles que são tidos como Outros. É, então, um exemplo do vestígio colonial que constrói a contemporaneidade. Logo, o passado não é passado, pois ainda está conosco (Sharpe, 2023) e isso fica evidente frente aos efeitos sociais, psíquicos e físicos do racismo.

Bento (2022) também trabalha a dimensão narcísica desse pacto, que busca a autopreservação da branquitude, pois é indispensável assegurar que a “diferença” não vai destruir aquilo que eles compreendem como “normal”, “padrão”. Há, então, uma necessidade de proteção em curso, visto que o privilégio precisa ser mantido nas mãos dos brancos. E uma forma de fazer isso é matando, seja de forma simbólica, seja de forma concreta. Portanto, é através do funcionamento desse pacto que os policiais

sistematicamente atrelam a população negra assassinada a um cenário criminoso e ilegal, pois há garantias de que suas versões serão credibilizadas e de que eles serão protegidos e inocentados, visto que a branquitude domina os sistemas legais.

É possível também identificar que o trabalho de vigília perpassa a publicação do periódico, pois, no trecho inicial — “a Revista RAÇA sempre notícia aqui e é incansável as vezes que contamos o número de jovens negros que estão morrendo nesse país. Parece uma guerra civil” (Redação, 2022, *sic*) —, há uma postura de indignação frente a mais uma morte que reforça um quadro de abusos de poder e espoliação do corpo negro. Ademais, os discursos que constituem a matéria são, em sua maioria, falas em discurso direto dos parentes e vizinhos de Marcos Vinicius. O posicionamento da polícia é apresentado em discurso indireto e a possível tentativa de reação de Marcos, alegada pelos PMs, é confrontada no texto a partir da resposta das testemunhas, que negaram. Ou seja, nesta matéria, aqueles que sistematicamente são silenciados, os que conheciam Marcos e estavam presentes, têm mais espaço do que as declarações dos agentes da lei, o que é uma fissura ao padrão colonial.

Portanto, a revista Raça é um importante veículo midiático que possibilita a desestabilização de estereótipos cristalizados como verdade na sociedade brasileira. Isso porque, a partir de denúncia das sujeições legais e extralegais que perpassam a vida da população negra, o homem negro é afastado da dimensão de agressivo e reenquadrado como aquele que é repetidamente agredido e assassinado. O periódico expõe que, no Brasil, é esse homem quem está constantemente com medo, tendo sua masculinidade duplamente fraturada pelo racismo que se manifesta de formas simbólicas e concretas. Ao estar em circulação, a Raça, então, figura como necessário espaço educativo, pois apresenta uma articulação contra o racismo vestigioso constituinte do dia a dia, dado que são empreendidas resistências viscerais contra a brutalização do corpo e da mente (Mbembe, 2019) nas publicações veiculadas.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O amplo trabalho semiótico realizado pela Raça Brasil — entendida aqui como um dispositivo educacional que desafia, em certa medida, o legado colonial, produzindo e colocando em circulação sentidos outros de masculinidades negras — é de extrema relevância para a sociedade brasileira. Ao ocupar um espaço midiático com perspectivas racializadas, a Raça opera como uma ferramenta pedagógica que tensiona discursos

hegemônicos e promove ensinamentos sobre identidades racializadas de gênero. Nesse sentido, o fato de as publicações resultantes da busca pelos termos “homem negro” serem, em sua maioria, entextualizações que denunciam a violência racista e letal imposta a esses indivíduos explicita o quanto essas masculinidades negras seguem sendo alvos de perseguições, agressões e desumanizações sistematicamente perpetradas pela branquitude. Ao tratar dessa realidade, o periódico contribui para desmantelar a ficção estigmatizante que associa os sujeitos negros à agressividade, à bestialidade e à criminalidade.

Ainda que certos padrões da mídia hegemônica se reproduzam na Raça Brasil, como a centralidade da violência nas manchetes, há também um claro distanciamento dessas lógicas. Enquanto veículos tradicionais tendem a disseminar a associação de homens negros a estereótipos violentos e negativos — por exemplo, retratando-os como “traficantes”, enquanto homens brancos, em condições semelhantes, como “jovens de classe média” (Vieira; Rocha, 2018) —, na Raça há o redirecionamento desses estereótipos para a sociedade, para a branquitude e para seus agentes de repressão, que historicamente perpetuam a violência contra a população negra desde o período escravocrata. Nesse processo, a revista contribui para (des)aprendizagens sociais, deslocando e contestando os significados convencionais atribuídos aos corpos negros masculinos.

Contudo, é aqui que nos encontramos encruzilhados. Apesar do compromisso inicial da Raça de não apenas reiterar a ortografia do vestígio — isto é, da ampla repetição da morte social, material e psíquica da população negra (Sharpe, 2023, p. 48) —, o fato de 8 dos 12 colocados de homem negro serem associados a denúncias de mortes e ataques racistas suscita questionamentos. Se, por um lado, essas narrativas são fundamentais para visibilizar o genocídio em curso, por outro, há o risco de se consolidar um panorama monolítico das masculinidades negras como exclusivamente marcadas pela morte e pela dor, o que apaga suas complexidades e experiências diversas. Por exemplo, a maioria dos colocados e das linhas de concordância resultantes da busca pelo sintagma “homem negro” não apresentam uma exaltação da beleza desses sujeitos, algo que era tão central nas publicações iniciais do periódico (Kofes, 2010).

A mudança de linha editorial, intensificada a partir de 2020 — quando a crise midiática foi contrariada pelo aumento do interesse público em debates raciais após o assassinato de George Floyd —, parece ter influenciado essa guinada, que prioriza pautas que discutam, de forma contundente, os efeitos duradouros do racismo e do colonialismo.

Essa virada pode ser compreendida como uma forma de trabalho de vigília (Sharpe, 2023), que se alinha à urgência de confrontar os efeitos duradouros do racismo e do colonialismo. Assim assim, é preciso (re)lembrar que a vida dos homens negros não é constituída só de morte, violência e sofrimento. Dessa forma, entre o que a revista se propõe desde sua criação e o que ocorre quando são investigados os padrões representacionais dos grupos racializados, em específico o dos homens negros, há uma lacuna.

Concluímos ser fundamental buscar um equilíbrio entre a denúncia do racismo e a valorização das experiências negras. Denunciar atos racistas, defender vidas negras e ampliar o debate público sobre essas questões deve ocorrer em paralelo à celebração da beleza, do cuidado, das conquistas e da felicidade. Como afirma Sharpe (2023, p. 29), “[...] ao passo que o vestígio produz morte e trauma Negros — [...] — nós, povo preto, em todo e qualquer lugar em que estejamos, ainda produzimos no, para o e através do vestígio uma insistência na existência; ecoamos a vida Negra no vestígio”. A vida dos homens negros e suas masculinidades excede a lógica da barbárie colonial: eles forjam múltiplas formas de viver, de estar e de ser. É essencial que essas narrativas complexas e potentes também ganhem visibilidade na mídia, que, enquanto dispositivo educacional, tem o potencial de romper com o imaginário colonial — especialmente quando, como faz a Raça Brasil, desafia estigmas históricos e constrói novas possibilidades de existência para as masculinidades negras.

## Referências

- AJZENBERG, Bernardo. A imprensa e o racismo. In: RAMOS, Sílvia (org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, p. 30-35, 2002.
- BAKER, Paul. *Using Corpora in Discourse Analysis*. London: Continuum, 2006.
- BAUMANN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 8, n. 1, 2, p. 185-229, 2006.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BLOMMAERT, Jan; SMITS, Laura; YACOUBI, Noura. Context and its complications. *Tilburg Papers in Culture Studies*, 2018.

BORBA, Rodrigo. Linguística queer: algumas desorientações. In: BORBA, Rodrigo (org.). *Discursos transviados: por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez, p. 9-43, 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 19 abr. 2024.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo. Errâncias indisciplinares: entre rastros, ruínas e reconstruções. In: FABRÍCIO, Branca; BORBA, Rodrigo (org.). *Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 19-46, 2023.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-104, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e pesquisa*, v. 28, p. 151-162, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 02 ago. 2025.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Lisboa: Vozes, 1972.

HALL, Stuart. O espetáculo do outro. In: HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, p. 139-159, 2016.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias Íntimas De Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras E Queers Radicais*. Tradução: Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

KOFES, Suely. Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 6/7, p. 241–296, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1870>. Acesso em: 10 dez. 2024

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Poder brutal, resistência visceral*. Tradução: Damian Kraus. São Paulo: N-1 edições, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A Performance Narrativa do Jogador Ronaldo como Fenômeno Sexual em um Jornal Carioca: Multimodalidade, Posicionamento e Iconicidade. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 2, n. 27, p. 129-157, 2009. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/146>. Acesso em: 17 ago. 2024.

OLIVEIRA, Dandara. *Entre continuidades e rupturas: raça, masculinidades e vestígios coloniais na Revista Raça Brasil*. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

PINHEIRO, Jonas de Jesus. *Alma preta e Afirmativa: experiências contemporâneas de mídias negras na luta contra o racismo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019.

PINHO, Osmundo. Black bodies, wrong places: Rolezinho, moral panic, and racialized male subjects in Brazil. In: SEIGEL, Micol (Ed.). *Panic, transnational cultural studies, and the affective contours of power*. Routledge, p. 158-178, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, 2006.

PINTO, Joana Plaza; DO AMARAL, Daniella. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 40, p. 151-164, 2016.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. *Cadernos de Nossa Temp*, v. 2, n. 2, p. 189-220, 1954.

REDAÇÃO. Homem negro é baleado pela PM enquanto bebia com os amigos. *Revista Raça Brasil*, 20 de julho de 2022. Capa; Notícias; Questão Racial. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/homem-negro-e-baleado-pela-pm-enquanto-bebia-com-os-amigos/>. Acesso em: 31 out. 2024.

ROCHA, Luciana Lins. *Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Racismo brasileiro: Uma história da formação do país*. São Paulo: Todavia, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2023.

SHARPE, Christina. *No vestígio*: negridade e existência. Tradução: Jess Oliveira. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Masculinidades negras em disputa: Um olhar sob masculinidades, raça e classe social no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Cuiabá, v. 5, n. 16, p. 43-69, 2022.

SILVA JUNIOR; Paulo Melgaço da; CAETANO, Marcio. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. *De guri a cabra-macho*: Masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 190-211, 2022.

SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Gregg (eds.). *Natural Histories of Discourse*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 1-17, 1996.

SILVERSTEIN, Michael. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. *Reflexive language*: Reported speech and metapragmatics, v. 33, n. 45, p. 127-28, 1993.

TENÓRIO, Jeferson. *O Avesso da Pele*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA, Josenia Antunes; ROCHA, João Victor PD. Um estudo de análise de discurso crítica: diferenciação racial de traficantes de drogas na mídia. *Discursos Contemporâneos em Estudo*, v. 3, n. 1, p. 47-62, 2018.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.